

16ª JORNADA APOIAR: ADOLESCÊNCIA E SOFRIMENTO EMOCIONAL NA ATUALIDADE

“BOM MENINO”: IMAGINÁRIO DE PSICÓLOGAS SOBRE ADOLESCENTES ABRIGADOS

Bruna Risquioto Batoni

Marina Miranda Fabris Zavaglia

Marcela Casacio Ferreira-Teixeira

Tânia Maria José Aiello-Vaisberg

Resumo: O presente trabalho apresenta resultados preliminares de pesquisa em andamento que abrange o imaginário coletivo de psicólogas sobre adolescentes que vivem em situação de acolhimento institucional. Insere-se numa série de estudos em que são focalizados os imaginários de vários grupos sociais sobre pessoas que não contam com amparo familiar durante a adolescência. Justifica-se na medida em que existe interesse em conhecer como tal problemática é socialmente imaginada, tendo em vista produzir conhecimentos clinicamente relevantes que também podem ser usados como subsídios para debates no âmbito dos movimentos sociais e da sociedade civil como um todo. Organiza-se, metodologicamente, por meio da realização de entrevistas psicológicas individuais com psicólogas, que se articularam em torno do uso do Procedimento Desenhos-Estórias com Tema. A consideração psicanalítica inicial do material permitiu a produção interpretativa de um campo de sentido afetivo-emocional denominado “Bom menino” que se organiza ao redor da fantasia de que a vida adulta depende de características psicológicas internas. O quadro geral indica a presença, entre as participantes, de um imaginário que toma a vida do adolescente abrigado de modo dissociado do ambiente, desconsiderando a complexidade das relações no desenvolvimento humano, divergindo dos pressupostos da psicologia psicanalítica concreta.

Palavras-chave: adolescentes abrigados, imaginário coletivo, psicólogas, método psicanalítico

Introdução

O contexto social brasileiro, mesmo com os desenvolvimentos tecnológicos alcançados, continua sendo palco da pobreza e precariedade social. Deste modo, uma significativa parcela de crianças e adolescentes acaba entrando em situação de

acolhimento institucional, medida imposta pelo Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (Brasil, 1990). Tal tipo de acolhimento apresenta-se como resolução para contextos adversos que colocam em risco crianças e adolescentes que vivem em condições economicamente desfavorecidas e situações de risco ou/e vulnerabilidade social.

O ambiente da instituição de acolhimento necessita de atenção, tanto na apresentação de condições materiais de conforto, higiene e atendimento de necessidades básicas, quanto na organização de um ambiente suficientemente bom no sentido do estabelecimento de relações inter-humanas suficientemente saudáveis entre aqueles que são cuidados e seus cuidadores. Outra questão importante é que emergem, no cotidiano institucional, desafios associados, em grande medida, ao modo como nossa sociedade concebe a mãe biológica como a melhor cuidadora de seus filhos (Visintin & Aiello-Vaisberg, 2017).

Consideramos, assim, que a assistência, o cuidado e a proteção de crianças e adolescentes brasileiros que, nascidos em famílias material e emocionalmente incapazes de os assumir, está distante de ser uma questão resolvida. Muitas vezes, tais famílias, expressam-se mais frequentemente sob forma de violência, abuso de drogas e condições psiquiátricas. Quando investigamos o que se imagina destas famílias, em especial das mães que abandonam filhos (Ferreira-Teixeira & Aiello-Vaisberg, 2017), em nosso país, deparamo-nos com imaginários que relacionam à pobreza material a sentimentos de desamparo, humilhação e injustiça (Renault, 2010).

Em relação a dimensão do cuidado, podemos dizer que os profissionais dos abrigos são, muitas vezes, pessoas vulneráveis e despreparadas para a tarefa (Careta, 2011). Além disso, outra questão importante diz respeito à saída compulsória do abrigo, ditada por lei com o alcance da maioridade, que gera ansiedade e insegurança nos internos. Podemos avaliar o sofrimento dos abrigados em processo de saída compulsória lembrando que o processo de transição para a vida adulta não pode ser considerado como emocional e pragmaticamente fácil, em nosso país, mesmo para aqueles que não são egressos de instituições de acolhimento (Aparício-Castilho, 2013; Davila & Ghiardo, 2012; Dutra-Thomé Ribeiro, 2014; Vieira, 2008). Entretanto, consideramos que os problemas avolumam-se quando tal transição se dá sob a forma de saída da instituição de acolhimento, ocorrendo de modo desassistida e dependente de iniciativas individuais, ainda que o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA

(Brasil, 1990) mencione a necessidade de preparação gradativa para o desligamento (ECA, art. 92, inciso 8).

Objetivo - Investigar o imaginário coletivo de psicólogos sobre adolescentes em situação de acolhimento institucional.

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa qualitativa empírica organizada em três procedimentos investigativos: 1) de produção do material de pesquisa, 2) de registro do material de pesquisa e 3) de interpretação do material clínico de pesquisa. Cumpridos tais procedimentos, passamos a considerá-los reflexivamente, à luz da contribuição de outros autores e pesquisadores, em seção intitulada interlocuções reflexivas, que corresponde ao que habitualmente é chamado, na pesquisa empírica, de discussão de resultados.

O procedimento investigativo de produção do material configurou-se por meio da realização de entrevistas psicológicas individuais (Bleger, 1979/1980) que se organizaram ao redor do uso do Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema, recurso mediador desenvolvido por Aiello-Vaisberg (1999).

As oito psicólogas participantes foram escolhidas entre profissionais residentes na região de Campinas, que atuam ou atuaram em consultórios particulares. Dividimos as participantes em dois grupos: para as psicólogas do primeiro grupo solicitamos os desenhos de uma adolescente e para o segundo, pedimos o desenho de um adolescente. Em ambas as situações, convidamos as participantes a fazer um desenho sobre “um (a) adolescente abrigado (a) dos dias de hoje”, para em seguida solicitar a invenção de duas histórias: uma sobre a figura desenhada e outra sobre a figura desenhada daqui 10 anos.

No que diz respeito ao procedimento investigativo de registro do material de pesquisa, produzido nas entrevistas realizadas, cumpre comunicar que os desenhos e histórias elaborados pelas participantes foram usados como registros de suas comunicações (Aiello-Vaisberg, 1999)

O procedimento investigativo de interpretação do material de pesquisa foi concretizado por meio da análise dos desenhos e das histórias abrangendo a produção coletiva das psicólogas, a partir das “palavras de ordem” de Herrmann (1979): “deixar que surja”, “tomar em consideração” e “completar a configuração de sentido”. Deste

modo, foi possível chegar à produção de interpretações compreensivas, mediante as quais criamos/encontramos um campo de sentido afetivo-emocional subjacente às manifestações das entrevistadas. Para o cumprimento deste procedimento, contamos com a participação dos integrantes do grupo de pesquisa que, em estado de atenção flutuante e associação livre, contribuíram para a interpretação do material.

Finalizados estes procedimentos, realizamos as interlocuções reflexivas, suspendendo o cultivo da atenção flutuante e da associação livre de ideias, para retomarmos e revisitarmos o campo de sentido afetivo-emocional encontrado/criado a partir de um posicionamento reflexivo, dialogando com outros autores, psicanalíticos ou não.

Identificação do Campo Afetivo-Emocional

A consideração psicanalítica acerca do conjunto dos desenhos e das histórias permitiu que encontrássemos/criássemos inicialmente um campo de sentido afetivo-emocional: “Bom menino”, organizado ao redor da crença de que viver uma vida boa ou problemática depende de características individuais concebidas como internas. Essa boa índole é vista como a base do esforço e da resiliência. Como exemplo de comunicações que tem esse campo de afetivo-emocional como substrato, podemos citar o seguinte trecho de uma das histórias, bastante representativo da totalidade do material com o qual trabalhamos:

(...) ele teve bastante resiliência para superar tudo que passou na vida dele (P2).

Chama-nos a atenção que dentro do campo de sentido afetivo-emocional “Bom menino” expressa-se a crença de que a pessoa resiliente consegue estudar e obter as vitórias acadêmicas como uma superação de suas vivências de separação familiar e vida no abrigo, por si mesma, por uma espécie de qualidade intrínseca, que independe das circunstâncias da vida concreta:

“Passados 10 anos, ela se formou na faculdade e foi viajar com os amigos. Apesar da situação inicial de abandono (...) ela se formou em direito” (P4).

Interlocuções Reflexivas Preliminares

Identificamos, até o presente momento, um imaginário que supervaloriza a força interna individual - conforme nossa descrição do campo “Bom menino” - minimizando o impacto das situações concretas da vida de adolescentes institucionalizados. Tal campo afina-se à perspectiva da metapsicologia pulsional, na medida em que prioriza o mundo individual interno e seus conflitos em detrimento do contexto social mais amplo. Essa ideia contrapõe-se à concepção de ser humano com a qual temos trabalhado, pautando-nos na perspectiva blegeriana, segundo a qual o ser humano deve ser abordado enquanto ser social, concreto e histórico. Cabe-nos, portanto, dizer, que a concepção imaginativa que aqui se expressa pode ser considerada como indicativa da não superação dos mitos da pessoa humana natural, abstrata e isolada (Bleger, 1963/2007).

Referências Bibliográficas

- Aiello-Vaisberg, T. M. J. (1999). *Encontro com a loucura: transicionalidade e ensino de psicopatologia*. Tese de livre-docência. Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo. São Paulo.
- Aparicio-Castillo, P. C. (2013). Educar e trabalhar em contextos de precariedade e desigualdade na América Latina. *Jovens em debate. Revista Latino-Americana de Ciências Sociais, Infância e Juventude*, 11 (2), 527-546.
- Brasil. Estatuto da Criança e do Adolescente, Câmara dos Deputados, Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. DOU de 16/07/1990 – ECA. Brasília, DF.
- Bleger, J. (1963/2007). *Psicologia de la conducta*. Buenos Aires: Paidós.
- Bleger, J. (1979/1980). *Temas de psicología: entrevista e grupos*. São Paulo: Martins Fontes, 1980.
- Dávila, Ó. & Ghiardo, F. (2012). Transições para a vida adulta: gerações e mudanças sociais no Chile. *Na última década*, 20 (37),.
- Dutra-Thomé, L., Leme, V. Pereira, A., Paiva, I., Dias, A., Gaião, E., & Koller, S. (2017). Factores de protección y de riesgo en la transición para la vida adulta en cinco regiones brasileras. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 35 (3), 485-499.
- Ferreira-Teixeira, M. C. & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2017). Maldade, drogas ou desespero: o imaginário sobre a mãe que abandona seu bebê. *Memorandum*, 33, 128-141.

- Herrmann, F. (1979/2001). *Andaimos do real*. São Paulo: Casa do Psicólogo. (Original publicado em 1979).
- Renault, E. (2010). A Critical Theory of Social Suffering. *Critical Horizons*, Equinoxonline, 221-240.
- Ribeiro, C. A. C. (2014). Desigualdades nas transições para a vida adulta no Brasil (1996 e 2008). *Sociologia & Antropologia*, 4 (2), 433-473.
- Vieira, J. M. (2008). Transição para a vida adulta no Brasil: análise comparada entre 1970 e 2000. *Revista Brasileira de Estudos de População*, 25 (1),
- Visintin, C., & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2017) Maternidade e sofrimento social em mommy blogs brasileiros. *Revista Psicologia: Teoria e Prática*, 19 (2), 98-107. Doi:10.5935/1980-6906/psicologia.v19n2p98-107.7